

SABERES E PRÁTICAS DE CUIDADO COM PLANTAS MEDICINAIS ENTRE ESCOLARES DA REGIÃO SUL DO BRASIL

**GABRIEL VITOLLA DOS SANTOS¹; SILVANA CEOLIN²; MÁRCIA VAZ
RIBEIRO³; RITA MARIA HECK^{4*}**

¹Universidade Federal de Pelotas – gabrielvitolla@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – silvanaceolin@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – marciavibeiro@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas - rmheckpillon@yahoo.com.br

*Projeto financiado pela FAPERGS

1. INTRODUÇÃO

Dados evidenciam que 66% da população brasileira não têm acesso aos medicamentos comercializados, fazendo uso das plantas medicinais como única alternativa para a satisfação de suas necessidades de saúde (DI STASI, 2007). Neste contexto, em 2006, foi implantada a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares e a Política Nacional de Plantas Medicinais no Sistema Único de Saúde, a fim de incentivar o emprego destas práticas de cuidado nos serviços de saúde.

Estudo realizado por Medeiros *et al* (1997), sobre o uso de plantas medicinais na terapêutica infantil, evidenciou que 36,6% de lactentes e 35% de pré-escolares foram tratados com plantas medicinais, perfazendo 71,1%; ainda menciona que a utilização destas foi referida por 96,7% das mães entrevistadas. A pesquisa de Torres *et al* (2005), que investigou o uso de plantas medicinais em crianças hospitalizadas na faixa etária de zero a 12 anos, refere que cerca de 27,3% dos acompanhantes destas utilizam plantas medicinais antes de procurarem o serviço de saúde e 41,7% associaram plantas com alguma medicação.

Estes resultados mostram que crianças, escolares e seus familiares fazem uso de plantas medicinais no cuidado e que, portanto, os profissionais da saúde precisam se aproximar desta realidade para realizarem um cuidado integral a esta população. Portanto, faz-se necessário dialogar com a população sobre alguns pontos essenciais para o uso seguro de plantas medicinais.

Considerando a escola como um espaço que favorece o aprendizado e crescimento social da criança, esta é um local ideal para o compartilhamento de saberes sobre plantas medicinais no cuidado a saúde, que, se trabalhado de forma dialogada, pode conduzir a um processo de sensibilização e autonomia no seu cuidado (ALVARENGA *et al.*, 2012).

O enfermeiro, como educador em saúde, tem um papel fundamental na sensibilização dos escolares, sendo esta, uma atividade indispensável para construção do pensamento crítico em saúde e autonomia no cuidado. Diante do exposto, o objetivo deste trabalho é descrever saberes e práticas de cuidado em saúde com plantas medicinais entre escolares da região Sul do Brasil.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo quantitativo e descritivo, vinculado ao projeto de pesquisa “Uso de plantas medicinais e as práticas populares de saúde entre escolares da região Sul do Rio Grande do Sul”, desenvolvido pela Faculdade de

Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas em parceria com a Embrapa Clima Temperado.

A pesquisa foi realizada com uma amostra de educandos de duas escolas públicas da região periférica do município de Pelotas/RS. As atividades foram desenvolvidas com 26 escolares matriculados no 5º ano e 29 no 6º ano de uma escola municipal e com 28 escolares do 5º ano de uma escola estadual, perfazendo um total de 83 educandos. Os dados foram coletados em setembro de 2011. Os dados deste resumo são decorrentes de um pré-teste, aplicado na forma de um questionário aos escolares, abordando questões sobre saberes e cuidado em saúde. As variáveis foram sexo, idade, atitude diante do adoecimento, origem das plantas utilizadas, informações sobre as plantas medicinais, troca de informação sobre plantas medicinais com o profissional de saúde. Os dados foram digitados na planilha Excel e analisados. Foram respeitados os princípios éticos cabíveis a pesquisas com seres humanos (BRASIL, 2012) e o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas, protocolo 020/2011.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos resultados 83 educandos, a maior porcentagem (51%) dos escolares era do sexo feminino. Sobre o emprego de plantas medicinais no cuidado à saúde, 68,4% dos escolares mencionou que usa às vezes, 22,4% nunca utilizou e 9,2% sempre faz uso. Em momento de adoecimento, 76,4% relatam que sua primeira atitude é procurar um profissional médico e apenas 17,9% o uso de plantas medicinais como primeira alternativa de cuidado e 5,7% apresentou outra forma de cuidado, como auxílio de benzedeira e suporte da religião.

Estes dados revelam que os escolares transitam entre os diversos sistemas de cuidado à saúde. Numa abordagem antropológica, Kleinman (1980) propõe três grandes sistemas de cuidado: profissional, *folk* e popular. No primeiro sistema, se encontram as profissões de cura organizadas e legalmente reconhecidas, sendo o sistema biomédico o maior representante; o sistema *folk* se refere aos especialistas de cura não reconhecidos legalmente, que utilizam recursos como as plantas medicinais, tratamentos manipulativos, exercícios especiais, o xamanismo e os rituais de cura. E o sistema popular é constituído pelos familiares, amigos e vizinhos, sendo utilizado o saber do senso comum, o suporte emocional e as práticas religiosas. Embora estes setores tenham relação um com os outros, eles guardam suas próprias especificidades com relação às crenças, papéis, expectativas, avaliações e concepções (KLEINMAN, 1980).

Corroborando com estes dados, pesquisa realizada por Teixeira, Nogueira (2004), com 300 usuários de uma Unidade Básica de Saúde, demonstra que 60,4% da população em estudo faz uso de plantas medicinais, 16% utilizam eventualmente e 8,3% já utilizaram ervas para tratar de seus problemas de saúde. Esses dados demonstram que o planejamento das ações em saúde precisa considerar as diferentes saberes e práticas de cuidado, respeitando as diversidades culturais, o que é preconizado no atual contexto da saúde.

Sobre a origem das plantas que os escolares utilizam 47,7% obtêm as plantas no pátio de casa, 20,6% compra em mercado, farmácia ou feira, 19,5% em casa de vizinhos ou amigos e 12,2% em algum outro local. O estudo de Piriz, Ceolin, Mendieta, et. al (2013), realizado com conhecedoras de plantas medicinais, também refere que maioria das espécies é obtida da horta e quintal das suas residências.

Em relação ao conhecimento dos escolares sobre as plantas medicinais, 69,9% relataram que foi transmitido através de seus familiares. Apenas 24,2% obtiveram o conhecimento pela escola e 5,9% através de amigos e vizinhos. Corroborando com este resultado, os estudos de Piriz, Ceolin, Mendieta, *et. al* (2013) e Ceolin, Heck, Barbieri, *et. al* (2011) evidenciaram que a família é referida como a principal fonte na transmissão do conhecimento em relação às plantas medicinais. Neste contexto, o enfermeiro precisa se aproximar do saber popular e construir práticas de cuidado conectadas com a cultura da comunidade.

O conhecimento sobre plantas medicinais sempre acompanhou a evolução da humanidade ao longo dos anos, pois as sociedades da idade primitiva cedo perceberam que ao lado de plantas comestíveis, outras que com maior ou menos toxicidade ao serem usadas no tratamento de doenças, apresentavam papel curativo (CUNHA, 2010). Outra questão que também influencia na transmissão de informações é a idade, pessoas mais velhas utilizam no seu cuidado remédios à base de plantas do que as pessoas mais jovens (TABUTI *et al.*, 2012).

Na unidade de saúde que os escolares e seus familiares frequentam, foi indagado sobre troca de informações com os profissionais a respeito de plantas medicinais no cuidado. Dentre os participantes, 38,1% nunca obtêm informações, 32,3% às vezes, 24,5% relataram que poucas vezes e apenas 5,1% obtêm informações com frequência sobre o tema.

Corroborando com este resultado, o estudo de Barros *et al* (2005), realizado com crianças hospitalizadas, encontrou que 58,4% dos profissionais da saúde não foram informados a respeito do uso de plantas medicinais em seus pacientes pediátricos, dificultando assim, a sua contribuição na avaliação dos riscos e benefícios que esta prática pode ocasionar.

No estudo de Oliveira *et al* (1998), 51 profissionais foram entrevistados sobre o uso de plantas medicinais e destes, 98% concordaram que os profissionais devem conhecer melhor o uso de plantas medicinais e 68% acreditaram que a pouca utilização das plantas na terapêutica é devido à falta de conhecimento nesta área tanto do profissional de saúde quanto dos usuários.

Neste sentido, o domínio do conhecimento sobre plantas medicinais e terapias complementares pelos enfermeiros possibilitará melhor aproximação com a realidade cultural da população, resultando em fortalecimento entre profissional e usuário.

4. CONCLUSÕES

Mediante análise dos dados obtidos através da aplicação do pré-teste, foi possível descrever saberes e práticas de escolares sobre o cuidado em saúde com plantas medicinais. Os dados revelaram que os escolares transitam entre os diversos sistemas de cuidado à saúde. Nesse contexto, os profissionais não são vistos como fonte de informações sobre o cuidado com plantas medicinais, uma vez que sua formação é fundamentada no modelo biomédico.

Em contrapartida, as informações sobre plantas medicinais vindas através do ambiente familiar são presentes e de fato repassadas entre as gerações. Ademais, o cultivo de plantas medicinais se dá principalmente em residências, fazendo com que se torne mais prático a utilização das mesmas para os mais variados fins.

Diante disso, ressalta-se a necessidade dos profissionais de saúde, dentre eles, o enfermeiro, aproximarem-se dos saberes e práticas de cuidado entre escolares e seus familiares a fim de construir um cuidado mais integral.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVARENGA, W. A.; SILVA, M. E. D. C.; SILVA, S. S.; BARBOSA, L. D. C. S.; Ações de educação em saúde realizadas por enfermeiros na escola: percepção de pais. **Revista Mineira de Enfermagem**, v.16, n.4, p.522-527, 2012.
- BARROS, J. A. C.; Pensando o processo saúde doença: a que responde o modelo biomédico?. **Saúde e Sociedade**, v.11, n.1, p.67-84, 2002.
- CEOLIN, T.; HECK, R. M.; BARBIERI, R. L.; SCHWARTZ, E.; MUNIZ, R. M.; PILLON, C. N.; Plantas medicinais: transmissão do conhecimento nas famílias de agricultores de base ecológica no Sul do RS. **Revista Escola Enfermagem USP**, v.45, n.1, p.47-54, 2011.
- CUNHA, A. P.; Aspectos históricos sobre plantas medicinais, seus constituintes activos e fitoterapia. USP - **Escola Superior de Agricultura**, p.1-6, 2010.
- DI STASI L. C.; **Plantas medicinais**: verdades e mentiras, o que os usuários e os profissionais de saúde precisam saber. São Paulo: UNESP; 2007.
- KLEINMAN, A. **Patients and healers in the context of culture**: an exploration of the borderland between anthropology, medicine and psychiatry. California: Regents; p.427, 1980.
- MEDEIROS, J. G; PIRES, M. P. C; FREIRE, A. C. Toxicidade de plantas medicinais na terapêutica infantil. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**, v.1, p. 45-52, 1997.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE (BR). **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**: diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília; 2012.
- OLIVEIRA K. R. A.; DINIZ M. F. F. M.; OLIVEIRA R. A. G.; A fitoterapia no serviço de saúde pública da Paraíba In: Diniz MFFM, Oliveira RAG, Malta Júnior A. **Das plantas medicinais aos fitoterápicos**: abordagem multidisciplinar. João Pessoa: UFPB/CCS; v.2, 1998.
- PIRIZ, M. A.; CEOLIN, T.; MENDIETA, M. C.; MESQUITA, M. K.; LIMA, C. A. B.; HECK, R. M.; O cuidado à saúde com o uso de plantas medicinais: Uma perspectiva cultura. **Ciência Cuidado Saúde**, v.13, n.2, p.309-317, 2013.
- TEIXEIRA E. R.; NOGUEIRA J. F.; O uso popular das ervas terapêuticas no cuidado com o corpo. **Revista Gaúcha Enfermagem**, v.26, n.2, p.231-241, 2005.
- TABUTI, J.R.S.; KUKUNDA, C.B.; KAWEESSI, D.; KASILO, O.M.J.; Herbal medicine use in the districts of Nakapiripirit, Pallisa, Kanungu, and Mukono in Uganda. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v.8, n.35, p.1-15, 2012.
- TORRES, A. R.; et al.; Estudo sobre o uso de plantas medicinais em crianças hospitalizadas da cidade de João Pessoa: riscos e benefícios. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v.15, n.4, p.373-380, 2005.